

## Polaridades no Graal

É inerente à visão do Graal o reconhecimento de pólos opostos na vida e a convicção de que nenhum desses pólos se pode desenvolver em detrimento do outro. Assim, a Rachel Donders podia escrever sobre as polaridades experimentadas nos anos do pós-guerra:

“Parece que, de certo modo, temos de nos confrontar com diferentes tendências entre nós, que por vezes parecem opôr-se e que têm que ser resolvidas. Certamente que isto não foi, ou não foi sempre, meramente uma questão de diferença de gerações, nem uma questão de diferença de cultura que levariam a uma variedade de opiniões... Estas tendências estão ainda entre nós, talvez de formas diferentes. São as polaridades mais ou menos permanentes entre as quais temos que constantemente ir fazendo o nosso caminho.”

Aqui está de facto um carisma do Graal: a afirmação da compatibilidade de tendências opostas, não como um compromisso, não como uma média matemática, mas como expressão de uma realidade vital. Este carisma caracterizou, sem dúvida, o Graal desde o seu início. O princípio vital da tradição do Graal é a **harmonia de pólos opostos**. É uma linha de crescimento que se não desenvolve numa direcção sacrificando o dinamismo da outra, mas que ao aceitar o zigue-zague da vida integra ideias e alternativas aparentemente contraditórias. Este princípio supõe que as polaridades não são vividas como um mal necessário, mas que, pelo contrário, são a condição mesma da vida, a fonte de novas energias que surgem duma síntese e não duma mutilação.

Não é em linha recta que a vida se desenvolve - temos que aceitar a presença de contradições, deixar que elas se debatam entre si para darem origem a uma nova síntese. E este processo é tão verdade para os grupos como para os indivíduos. De facto, até a paz e a estabilidade aparente do universo físico são o resultado de um infinito jogo de forças opostas que mantêm a matéria em estado de tensão contínua e, conseqüentemente, capaz de desenvolver energia em todas as suas formas. Esta polaridade não é estranha à atitude espiritual fundamental do cristianismo.

A primeira polaridade que encontramos tem a ver com o contexto de vida cristã no mundo. É experimentada como uma tensão entre a autonomia do mundo e a transcendência da fé.

Não pensamos já em termos de conquista - nem mesmo conquista a nível espiritual - do mundo em que vivemos, mas antes em termos de diálogo contínuo. Um diálogo pressupõe dois parceiros, o que significa, de facto, que o mundo é visto na sua autonomia fundamental em relação à Igreja, e a Igreja é vista no seu carácter transcendente.

No entanto, não se pode afirmar os dois pólos sem levantar outras tensões, as que estão mais próximas das decisões quotidianas. Sem dúvida que o Padre van Ginneken salientou a importância da concretização de pequenas tarefas. Nesse espírito, acreditando na autonomia do mundo, os membros do Graal procuram envolver-se a sério em tarefas concretas, o que pressupõe uma certa estabilidade. Mas, ao mesmo tempo, o Graal como movimento esforça-se para responder às circunstâncias que vão mudando, agarrar no momento certo as ocasiões que se apresentam num mundo que se move a enorme velocidade. Para se poder entrar no diálogo Igreja-mundo, é necessário estar precisamente nesses pontos de encontro onde o diálogo se torna mais urgente. A emergência de novas tarefas requer uma certa flexibilidade, uma mobilidade do Graal no âmbito do seu compromisso.

Estes dois pólos - **estabilidade** e **flexibilidade** - constituem, de facto, uma dialéctica e não há uma única forma simples para assegurar a síntese. O Graal com a totalidade dos seus membros não pode mudar continuamente de um sector da vida para outro, mas pode ser suficientemente flexível para alguns dos seus membros realizarem essas tarefas pioneiras que as novas situações exigem. Talvez, em última análise, a forma de síntese seja encontrada na atitude de espírito - uma abertura e sensibilidade aos "sinais dos tempos", um espírito de procura, um sentido de aventura - e, ao mesmo tempo, uma vez que a escolha necessária tenha sido feita, uma atitude de estabilidade, de compromisso sério e autêntico a uma dada tarefa.

O Graal é uma comunhão de mulheres de todas as vocações, um esforço de grupo, uma comunidade de ideais e acção.

A tensão entre pessoa e comunidade não se resolve uma vez por todas. Pelo contrário, será necessário procurar continuamente uma harmonia, em patamar sempre novo, entre os dinamismos de **identidade pessoal e identidade comunitária**.

Uma outra tensão é a que existe entre espírito e instituição, **corrente e estrutura**. Para todas nós, o Graal é um espírito, uma corrente de boa vontade, uma corrente de entrega e preocupação apostólica vividas pelas mulheres e jovens em circunstâncias variadas. A visão de um Graal em que a unidade brota da diversidade está tão enraizada em nós que qualquer tentativa de imaginar uma definição de "participante" tropeça nela. A experiência demonstra a tensão entre a fluidez da corrente e a estabilidade e firmeza de uma definição de "participante". Para chegar a uma síntese, a corrente deve ser estimulada e desenvolvida pelos elementos estruturais, e as estruturas devem ser abertas às mudanças que a existência duma corrente lhes traz.

Existe ainda outra tensão entre a afirmação do **carácter nacional** de um grupo e do **carácter internacional** que é intrínseco ao Graal no seu conjunto

O desenvolvimento das ciências humanas ajudou a mostrar a autonomia da pessoa, as leis do desenvolvimento humano, os seus direitos essenciais a nível da natureza.

Nesta afirmação do humano, o reconhecimento da liberdade fundamental da pessoa é crucial. A liberdade é afirmada como o direito de descobrir o próprio caminho, escolhê-lo e segui-lo. A liberdade também se manifesta na possibilidade de olhar honestamente para si e para a sua própria existência. A liberdade, quando se expressa em fragmentos de existência pode levar à negação de compromissos ou a uma recusa em assumi-los. Por outro lado, o compromisso é olhado como o acto humano mais livre, o acto em que mais nos comprometemos; é o acto que arrisca, que dá forma à vida e molda a história. Há um paradoxo entre estes dois pólos: num momento a **liberdade** parece esvaziar a pessoa de todo o compromisso; no momento seguinte, o **compromisso** parece esvaziar a pessoa de toda a liberdade. Só se poderá encontrar uma solução para esta tensão numa existência humana assumida em toda a sua realidade, isto é, uma existência que para ser real tem que ser sempre comprometida e que para ser autenticamente comprometida deve aprofundar continuamente e refinar a sua capacidade de dar uma resposta plena e livre.

*Maria de Lourdes Pintasilgo  
in 'Grail Review' Vol. VII, 4 - 1965  
(excertos) pp 13-20*

## Somos Todos Peregrinos

Para mim tornou-se mais claro do que nunca que a Igreja não é uma entidade estática, cujo aspecto exterior está fixado uma vez por todas, mas um organismo em pleno desenvolvimento, a Igreja a caminho. Nós, como Graal, estamos imersas neste processo porque somos um movimento dentro desta Igreja viva, a crescer; somos um Graal a caminho.

### Uma Igreja peregrina

Podemos, de facto, encontrar um número de paralelos entre a nossa situação hoje e o que as pessoas experimentaram há milhares de anos:

- o deixar para trás a segurança,
- a procura de novos caminhos,
- a fome e a sede,
- a fadiga - nunca ser capaz de parar em segurança e descansar,
- a nostalgia
- o desejo de ver a nova meta,
- a necessidade de se abandonar a Deus para se ser guiada.

Quando olhamos para a história do nosso movimento, torna-se claro que sempre estivemos a caminho - houve sempre movimento, nunca houve estagnação. Penso que que é precisamente uma das características do Graal estar sempre numa situação de ser pioneiro.

*Magdalene Oberhoffer,  
in "Grail Review" Vol. VI, nº3, 1964*

## O Graal: uma comunidade a-construir-comunidade

Hoje fala-se muito de comunidade. Faz parte do vocabulário "Graal", é objecto de muitas experiências na indústria, na educação, na vida cívica e na organização económica. Grupos há que procuram uma experiência mais profunda de comunidade. A frequência com que este conceito aparece indica que a "comunidade" é uma realidade de que sentimos a falta em muitos aspectos da existência.

Imersas que estamos na vida da comunidade humana, nós, como membros do Graal, não podemos deixar de sentir parte deste desejo e esforço para uma experiência mais profunda de comunidade na sociedade que nos rodeia. Ao mesmo tempo, já que o Graal nasce da Igreja e existe para tomar parte da missão da Igreja no mundo, deve representar uma particularização e uma manifestação da vida comunitária da Igreja.

Como pode o Graal acercar-se o mais próximo possível do ideal da comunidade cristã autêntica?

Especialmente significativo nesta ligação é o seu carácter de *movimento*, de uma associação espontânea de "mulheres de todas as situações de vida" que entreviram alguma coisa de enorme beleza e se puseram à sua busca em conjunto.

Falamos muitas vezes do Graal como "comunidade de amor". (...) Podemos ver que é exigido um grande esforço humano e espiritual para transformar tal associação numa verdadeira comunidade de amor.

*Eleanor Walker*  
*in 'Grail Review', Vol.III,*  
*Third Quarter 1961*

## “Ondes”

No preâmbulo das Linhas de Orientação, afirmadas pela Assembleia Geral de 1967, diz-se que “reconhecemos o Graal Internacional como uma composição de esforços sempre-novos e diversos para cumprir esta missão, partilhada por mulheres de diferentes vocações em colaboração e interacção mútuas”.

Tratámos longamente dos vários modos como as mulheres de vocações diferentes partilham esses esforços. (...) Os “esforços sempre-novos e diversos” têm sido também parte das nossas preocupações em termos de “áreas principais de acção”. Sentimos, contudo, que há uma dimensão que é transversal a todas estas áreas e é, em si, um esforço.

Chamámos a esse esforço o “onde”... O que queremos dizer com isto? Simplesmente que, enquanto envolvidas nas áreas de acção do Graal, todas as participantes, qualquer que seja a estrutura em que estejam a trabalhar, precisam mais do que discussão, encontros, avaliação, oração, fazer com outras. Precisamos de ter possibilidades de atmosfera de vida, onde o lazer é experimentado e as “boas-vindas” calorosas sejam a nota chave.

Estas “possibilidades” podem ser equacionadas, talvez, com um lugar físico, em que toda a gente (Graal ou não Graal) seja atraída, não só em termos de trabalho e encontros, mas sobretudo em termos de estilo de vida... Talvez um lugar em que o trabalho, lazer, oração, interacção, elementos de dentro e de fora, riqueza de contactos, liberdade para experimentar sem a pressão da eficiência, ajude a desenvolver uma certa “filosofia de vida”...